

Estudo do padrão de consumo de medicamentos pelos estudantes da Universidade de Lisboa

JOSÉ CABRITA
HUMBERTO FERREIRA
PAULA IGLÉSIAS
TELMO BAPTISTA
EVANGELISTA ROCHA
ADELINA LOPES DA SILVA
JOSÉ PEREIRA MIGUEL

A caracterização do padrão de consumo de medicamentos nos estudantes universitários contribui não só para um melhor conhecimento sobre a sua saúde, mas também para a elaboração de programas que visam o uso racional do medicamento na população em geral, pois são potenciais líderes de opinião das comunidades onde se inserem. Assim, foi efectuado um estudo qualitativo do consumo de medicamentos nos estudantes da Universidade de Lisboa (UL) visando: caracterizar o padrão de consumo de medicamentos, o perfil sócio-demográfico, psicológico e de saúde; identificar preditores de consumo; estimar o grau de adequação na sua utilização.

Realizou-se um estudo descritivo e transversal numa amostra aleatória, constituída por 1147 alunos, aos quais

foi administrado um questionário para obtenção de informação relativa aos medicamentos consumidos na quinzena anterior e para a caracterização dos inquiridos. Cerca de 57% dos estudantes inquiridos consumiram medicamentos na quinzena anterior ao inquérito, tendo o número de medicamentos variado entre 1 e 10 por consumidor. O uso de medicamentos revelou-se associado ao *status* de saúde, mas foi independente de qualquer das variáveis sócio-demográficas estudadas, exceptuando o sexo, pois foi significativamente maior nas mulheres, mesmo após exclusão de contraceptivos orais.

No período estudado foram consumidos 1160 medicamentos, dos quais 78% de prescrição médica obrigatória. Os grupos terapêuticos mais utilizados foram os do sistema nervoso cérebro-espinal (34,4%) e do aparelho músculo-esquelético (16,4%). Cerca de 6% dos consumidores utilizaram antibióticos, 8% psicofármacos, 15% AINES e 22% analgésicos e antipiréticos. O *Paracetamol* foi o fármaco mais usado. A prevalência de automedicação foi de apenas 19% e a maioria dos inquiridos assumiu ter cumprido a terapêutica instituída. Cerca de 58% dos consumidores consideram-se bem informados quanto aos efeitos adversos e contra-indicações dos medicamentos usados. Conclusões: o consumo de medicamentos pelos alunos da UL foi elevado, mas na maioria dos casos de forma adequada. Segundo a sua utilização, a dor, a infecção e os desequilíbrios psicoemocionais foram os problemas de saúde mais frequentes. O estudo do consumo de medicamentos através da administração de um questionário revelou-se um instrumento muito útil para a caracterização do padrão de utilização e do grau de informação dos consumidores sobre o produto e da adequação com que o utilizam.

□

José Cabrita é professor associado da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa e responsável do Departamento de Sócio-Farmácia.

Humberto Ferreira é assistente convidado da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, Departamento de Bioestatística.

Paula Iglésias é monitora da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, Departamento de Sócio-Farmácia.

Telmo Baptista é professor auxiliar da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Evangelista Rocha é professor auxiliar da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Departamento de Medicina Preventiva.

Adelina Lopes da Silva é professora catedrática da Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Lisboa.

José Pereira Miguel é professor catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e director do Instituto de Medicina Preventiva.

Introdução

Os estudantes universitários formam uma comunidade jovem e potencialmente saudável, pelo que os seus problemas de saúde e, conseqüentemente, o tipo de medicamentos mais consumidos não reflectem os da população em geral. No entanto, estão expostos a factores de risco específicos, nomeadamente um contínuo *stress* e esforço intelectual intenso, cujas repercussões na sua saúde importa avaliar.

Por outro lado, os estudantes universitários são um grupo privilegiado do ponto de vista sócio-económico e intelectual, supostamente informado relativamente à problemática da saúde e ao uso adequado de medicamentos e que se assumirá como líder de opinião nas comunidades onde irá inserir-se após a sua graduação. Assim, a caracterização do padrão de consumo de medicamentos neste grupo populacional poderá contribuir não só para um melhor conhecimento sobre a sua saúde, mas também para a elaboração de programas tendentes ao uso racional do medicamento nesta comunidade e na população em geral.

O padrão de utilização de medicamentos numa comunidade é reconhecido pela Organização Mundial de Saúde como um importante indicador sanitário, contribuindo para identificar as suas principais patologias e estimar as respectivas prevalências, assim como para melhor conhecer a forma como as populações utilizam os recursos terapêuticos (Dukes, 1993).

Frequentemente, a caracterização do padrão de utilização de medicamentos por uma população é efectuada através da análise dos elementos fornecidos pelas prescrições médicas ou pelas vendas de medicamentos, os quais são disponibilizados pelos sistemas prestadores de cuidados de saúde. No entanto, este tipo de estudos apresenta limitações metodológicas que não permitem a obtenção de informação relativa ao perfil sócio-demográfico e de saúde do consumidor nem do grau de adequação ou de efectividade da terapêutica. Para tal torna-se indispensável recorrer à inquirição de amostras representativas das comunidades em estudo. Neste contexto, considerámos pertinente realizar um estudo qualitativo de consumo de medicamentos nos estudantes da Universidade de Lisboa, uma das maiores do país, com cerca de 20 000 alunos inscritos, tendo como principais objectivos:

1. Caracterizar o padrão de utilização de medicamentos através do conhecimento da frequência, ritmo, duração, e das razões que determinaram o seu uso.
2. Identificar preditores de consumo relacionados com variáveis sócio-demográficas, psicológicas e de saúde dos seus consumidores.
3. Estimar o grau de adequação na utilização do arsenal terapêutico, considerando os sintomas/patologias a que se destinavam, o cumprimento da terapêutica, a prevalência de automedicação e a auto-avaliação de conhecimentos relativos aos medicamentos usados.

Material e métodos

1. *Desenho do estudo*: estudo transversal.

2. *População em estudo*: a totalidade dos alunos inscritos em cursos de ensino pré-graduado na Universidade de Lisboa no ano lectivo de 1999-2000, num total de 18 947 estudantes.

3. *Amostra*: probabilística e representativa da população em estudo.

Dimensão da amostra: a dimensão da amostra foi calculada tendo em consideração o universo da população em estudo, um erro de amostragem de 3% e um nível de confiança de 95%, correspondendo a um total de 1067 elementos. Os efectivos amostrais foram distribuídos por todas as faculdades da Universidade de forma proporcional às respectivas populações estudantis e foram adicionados 80 elementos à amostra de forma a reforçar os efectivos das faculdades menos representadas. Assim, a dimensão global da amostra estudada foi de 1147 estudantes.

Seleção da amostra: foram constituídas listagens de alunos inscritos por curso, por ano e por turma a partir das quais foram seleccionados aleatoriamente os elementos da amostra de cada faculdade, em duas etapas (curso e turma), estratificada por ano de inscrição do aluno. O *Quadro I* apresenta a distribuição dos efectivos do universo e da amostra por faculdade, assim como as suas principais características demográficas.

4. *Recolha de informação*: a informação foi recolhida de Janeiro a Maio de 2000, por questionário auto-administrado, na presença de um elemento da equipa de investigação. As variáveis que constituem o inquérito foram agrupadas nos seguintes módulos: *a*) sócio-demográfico (idade, sexo, grupo étnico, estado civil, curso frequentado, profissão dos pais); *b*) estado de saúde (auto-avaliação do estado de saúde, auto-avaliação do grau de *stress*; auto-avaliação da condição física; número de consultas médicas no ano anterior); *c*) consumo de medicamentos (número de medicamentos utilizados na quinzena anterior, nome dos medicamentos, doença/sintoma para que utilizou o medicamento, quem o aconselhou, duração do consumo, ritmo do consumo); *d*) atitudes e conhecimen-

tos face aos medicamentos utilizados (automedicação, cumprimento da terapêutica, leitura do folheto informativo, auto-avaliação dos conhecimentos sobre os efeitos adversos e contra-indicações, onde adquiriu os conhecimentos).

5. *Classificação dos medicamentos*: os medicamentos utilizados foram classificados de acordo com a classificação fármaco-terapêutica apresentada no Índice Nacional Terapêutico (Índice Nacional Terapêutico, 2000).

6. *Tratamento e análise de dados*: a informação recolhida foi codificada e introduzida em base de dados construída para o efeito em *software* Epi Info 6 e submetida a tratamento e análise estatística em Epi Info 6 e SPSS v.9.

A análise estatística bivariada entre o consumo de medicamentos e os diversos parâmetros em estudo foi efectuada pelos testes *t* de Student, teste do χ^2 e teste de Fisher exacto e foram calculados os espec-

tivos *odds ratio* brutos. A análise multivariada foi efectuada por regressão logística binária, utilizando o modelo computacional *Forward Stepwise* para ajustamento dos *odds ratio* brutos relativamente a potenciais variáveis de confundimento e para definição do modelo final de predição. Foi assumido um nível de significância estatística de $p < 0,05$ e intervalos de confiança a 95%.

Resultados

Dos 1147 estudantes inquiridos 649 tinham consumido algum medicamento na quinzena anterior à administração do inquérito, o que corresponde a uma prevalência de consumidores de 56,6% (IC = 53,7 %; 59,5%). O *Quadro II* apresenta a distribuição dos consumidores por sexo e por grupo etário, mostrando que o consumo de medicamentos é menos frequente nos estudantes mais jovens e significativamente mais elevado no sexo feminino ($p < 0,001$).

Quadro I
Distribuição por faculdade da Universidade de Lisboa dos efectivos da população em estudo e da amostra das características demográficas da amostra

Faculdades da Universidade de Lisboa	População em estudo	Amostra		
		Total (idade: m; dp)	H (idade: m; dp)	M (idade: m; dp)
Belas-Artes	1 072	87 (21,7; 4,0)	36 (21,6; 4,2)	51 (21,8; 4,0)
Ciências	5 708	305 (21,4; 3,8)	118 (21,3; 3,4)	187 (21,5; 4,1)
Direito	3 868	219 (23,5; 8,2)	78 (26,8; 10,4)	141 (21,7; 5,9)
Farmácia	1 185	79 (21,5; 4,2)	17 (23,2; 7,9)	62 (21,0; 2,5)
Letras	4 877	289 (23,4; 6,9)	53 (25,3; 8,9)	236 (23,0; 6,3)
Medicina	930	70 (21,1; 2,6)	27 (21,6; 2,3)	43 (20,8; 2,8)
Medicina Dentária	340	36 (21,9; 2,3)	14 (22,1; 2,3)	22 (21,9; 2,3)
Psicologia C. Educação	967	62 (21,4; 2,9)	14 (22,7; 3,0)	48 (21,1; 2,7)
Total	18 947	1 147 (22,4; 5,7)	357 (22,3; 7,1)	790 (24,8; 5,0)

Quadro II
Prevalência do consumo de medicamentos por sexo e grupo etário

Grupo etário (anos)	Prevalência de consumo de medicamentos (%)		
	Homens	Mulheres	Total
17-20	39,2 (58/148)	60,1 (217/361)	50,4 (275/509)
21-24	43,7 (59/135)	65,5 (224/342)	59,3 (283/477)
≥ 25	47,3 (35/74)	64,4 (56/87)	56,5 (91/161)
Total	42,6 (152/357)	62,9 (497/790)	56,6 (649/1147)

Sexo ($\chi^2 = 39,2$; $p < 0,001$) Grupo etário ($\chi^2 = 2,82$; $p > 0,05$)

O número de medicamentos por consumidor variou entre 1 e 10, com um valor médio de 1,8. Cerca de 48% dos consumidores recorreram apenas a um medicamento no período em estudo, mas 12,1% utilizaram 3 ou mais medicamentos. Verificou-se a existência de uma associação estatisticamente significativa entre o sexo feminino e o consumo de um maior número de medicamentos ($p < 0,05$).

A prevalência de consumo de medicamentos foi mais elevada entre os casados (61,3%) e nos estudantes que frequentavam cursos no âmbito das Ciências da Saúde (60,0%), particularmente de Farmácia (70,9%). No entanto, na amostra em estudo o consumo de medicamentos não se revelou significativamente associado a qualquer destas variáveis sócio-demográficas (estado civil, grupo étnico, curso frequentado e profissão dos pais).

O *Quadro III* apresenta a distribuição da prevalência de consumo de medicamentos relativamente às variáveis que permitem estimar o potencial de saúde dos inquiridos, constatando-se que aquela foi mais ele-

vada nos que consideravam ter um estado de saúde fraco ou razoável (81,0%), condição física fraca ou razoável (63,7%), maior *stress* na actividade diária (65,7%) e que tinham maior número de consultas médicas no ano anterior (66,4 %). Todas estas variáveis apresentaram uma associação fortemente significativa com o consumo de medicamentos ($p < 0,001$). No *Quadro IV* apresentam-se os resultados da análise do consumo de medicamentos *versus* as co-variáveis consideradas potencialmente preditivas da utilização dos medicamentos na população em estudo. Verificou-se, após ajustamento, que o consumo de medicamentos manteve uma elevada significância de associação com o sexo, a auto-avaliação do estado de saúde, o *stress* quotidiano e o número de consultas médicas.

Os 649 estudantes consumidores de medicamentos referiram, no seu conjunto, a utilização na quinzena anterior ao inquérito de 1160 medicamentos, dos quais 962 foram indicados pela respectiva designação comercial (82,9%). O fármaco mais frequente-

Quadro III

Prevalência do consumo de medicamentos por auto-avaliação do estado de saúde, da condição física, do grau de *stress* quotidiano e do número de consultas médicas no ano anterior

Potencial de saúde	Prevalência de consumo de medicamentos (%)
Auto-avaliação do estado de saúde	
Ótimo/muito bom	48,0 (246/512)
Bom	58,7 (287/489)
Razoável/fraco	81,0 (115/142)
$\chi^2 = 50,52; p < 0,001$	
Auto-avaliação da condição física	
Ótimo/muito bom	43,7 (106/243)
Bom	57,5 (299/520)
Razoável/fraco	63,7 (244/383)
$\chi^2 = 24,71; p < 0,001$	
Auto-avaliação do grau de <i>stress</i> quotidiano	
Elevado	65,7 (165/251)
Moderado	57,5 (395/687)
Reduzido	42,4 (87/205)
$\chi^2 = 21,13; p < 0,001$	
Número de consultas médicas no ano anterior	
Nenhuma	47,0 (52/132)
Uma	47,6 (157/330)
Duas a quatro	62,5 (333/533)
Mais de quatro	66,2 (96/145)
$\chi^2 = 39,47; p < 0,001$	

Quadro IV
Associação entre a utilização de medicamentos e as co-variáveis potencialmente preditivas do consumo

Co-variáveis	<i>p</i>	OR univariado (IC 95%)	<i>p</i>	OR Multivariado (IC 95%)	<i>p</i>	OR multivariado (IC 95%)
Auto-avaliação do estado de saúde						
1. Ótimo/muito bom	0,000	4,61 (2,93-7,25)	0,000	3,99 (2,34-6,81)	0,000	3,89 (2,41-6,28)
2. Bom	0,000	3,01 (1,91-4,75)	0,000	3,05 (1,84-5,04)	0,000	2,79 (1,73-4,51)
3. Razoável/fraco (ref.)	–	–	–	–	–	–
Auto-avaliação da condição física						
1. Ótima/muito boa	0,000	2,29 (1,65-3,17)	0,204	1,29 (0,87-1,93)	–	–
2. Boa	0,060	1,30 (0,99-1,70)	0,644	0,93 (0,68-1,26)	–	–
3. Razoável/fraca (ref.)	–	–	–	–	–	–
Auto-avaliação do grau de stress						
1. Muito (ref.)	–	–	–	–	–	–
2. Moderado	0,022	1,42 (1,05-1,92)	0,159	1,26 (0,91-1,75)	0,098	1,31 (0,95-1,81)
3. Pouco	0,000	2,42 (1,64-3,59)	0,020	1,66 (1,08-2,54)	0,006	1,80 (1,18-2,72)
4. Nenhum	0,001	4,66(1,86-11,66)	0,039	2,77 (1,06-7,25)	0,017	3,17 (1,23-8,21)
Número de consultas médicas no ano anterior						
1. Nenhuma	0,001	2,21 (1,36-3,59)	0,066	1,62 (0,97-2,73)	0,065	1,62 (0,97-2,71)
2. Uma	0,000	2,16 (1,44-3,24)	0,006	1,84 (1,20-2,82)	0,006	1,83 (1,19-2,80)
3. Duas a quatro	0,395	1,18 (0,80-1,74)	0,895	0,97 (0,65-1,47)	0,889	0,97 (0,65-1,46)
4. Superior a quatro (ref.)	–	–	–	–	–	–
Frequência de um curso de saúde (não)						
	0,306	0,85 (0,61-1,17)	0,150	0,77 (0,54-1,10)	–	–
Pais profissionais de saúde (sim)						
	0,280	0,80 (0,53-1,20)	0,608	0,89 (0,57-1,39)	–	–
Idade						
1. 17 a 20 anos	0,087	1,25 (0,97-1,60)	0,809	1,06 (0,67-1,67)	–	–
2. 21 a 24 anos	0,585	1,11 (0,77-1,59)	0,691	0,91 (0,58-1,44)	–	–
3. Mais de 24 anos (ref.)	–	–	–	–	–	–
Sexo (feminino)						
	0,000	2,23 (1,73-2,88)	0,000	1,95 (1,48-2,56)	0,000	1,98 (1,52-2,59)
Estado civil (casado)						
	0,401	1,23 (0,76-1,99)	0,670	0,88 (0,47-1,61)	–	–
Etnia						
1. Branco (ref.)	–	–	–	–	–	–
2. Negro	0,979	1,01 (0,52-1,95)	0,588	0,82 (0,39-1,70)	–	–
3. Outro	0,383	1,44 (0,63-3,30)	0,145	1,98 (0,79-4,94)	–	–

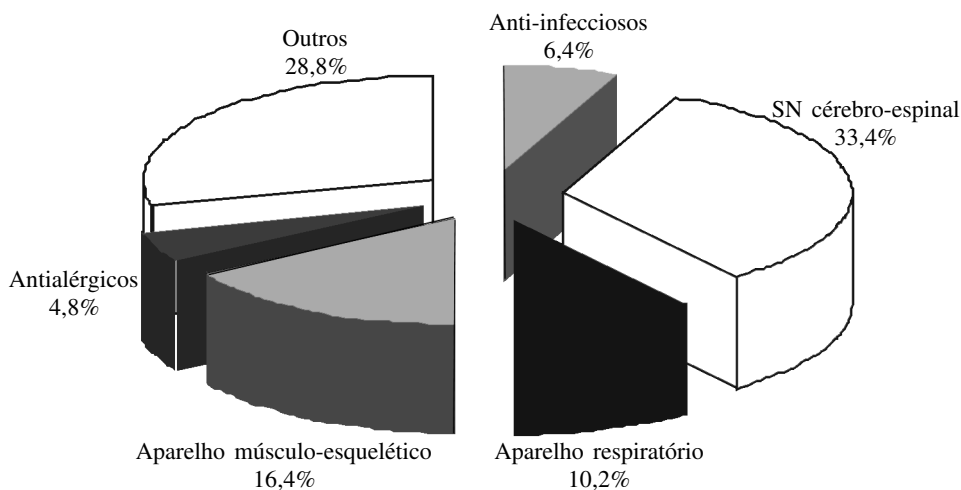
mente consumido foi o *Paracetamol*, que foi utilizado na quinzena anterior ao inquérito por 9,1% dos inquiridos (104/1147).

A distribuição dos medicamentos por grupo terapêutico é apresentada na *Figura 1*, verificando-se que a maioria dos medicamentos consumidos pertenciam ao grupo II — sistema nervoso cérebro-espinal (34,4%) e ao grupo X — aparelho músculo-esquelético (16,4%). Quanto aos respectivos subgrupos, salienta-se o consumo de analgésicos e antipiréticos (21,9%), anti-inflamatórios não esteróides — AINES (15,5%), psicofármacos (8,0%), anovulatórios (7,8%), antibacterianos (5,9%) e antiasmáticos (5,8%). A prevalência de consumo de medicamentos por subgrupo e por sexo é apresentada no *Quadro V*, verificando-se uma maior prevalência de consumidores do sexo feminino para todos os subgrupos referidos,

exceptuando os antiasmáticos e os antialérgicos. No entanto, esta diferença de consumo entre os sexos só foi estatisticamente significativa relativamente aos AINES e aos psicofármacos ($p < 0,01$).

Quanto ao ritmo da toma, 41,4% dos medicamentos foram tomados de forma ocasional, 19,4% de forma intermitente e 39,2% de forma continuada. Segundo a sua utilização, a dor, a infecção e os desequilíbrios psicoemocionais foram os problemas de saúde mais frequentes. Considerando a indicação terapêutica do medicamento e a doença/sintoma para a/o qual estava a ser utilizado verificou-se uma adequação terapêutica em 88,6% dos casos. Cerca de 78% dos medicamentos indicados eram de prescrição médica obrigatória e o aconselhamento do medicamento foi efectuado pelo médico em 71,9% dos casos, por amigos/familiares em 15,8% e pelo farmacêutico em

Figura 1
Distribuição dos medicamentos por grupo fármaco-terapêutico



Quadro V
Prevalência de consumo de medicamentos por subgrupos terapêuticos e por sexo

Subgrupo terapêutico	Sexo masculino	Sexo feminino	Total
Analgésicos e Antipiréticos $\chi^2 = 2,41; p > 0,05$	14,1% (50/354)	17,8% (141/791)	16,7% (191/1145)
Antialérgicos $\chi^2 = 0,01; p > 0,05$	3,6% (13/354)	3,5% (28/791)	3,6% (41/1145)
Antiasmáticos $\chi^2 = 0,20; p > 0,05$	3,6% (13/354)	3,2% (25/791)	3,3% (38/1145)
Anti-infecciosos $\chi^2 = 0,54; p > 0,05$	4,5% (16/354)	5,6% (44/791)	5,2% (60/1145)
Anti-inflamatórios não esteróides $\chi^2 = 20,66; p < 0,001$	5,6% (20/354)	15,2% (120/791)	12,2% (120/1145)
Psicofármacos $\chi^2 = 9,29; p = 0,002$	4,2% (15/354)	9,5% (75/791)	7,9% (90/1145)

9,4%. O cumprimento da terapêutica instituída foi assumido pela maioria dos estudantes (85,5%) e não diferiu significativamente com nenhuma das variáveis em estudo. A prevalência do consumo de medicamentos em automedicação foi de 19,1% (IC 16,2%; 22,4%), sendo mais elevada nos estudantes de Farmácia (26,8%) e nos do sexo masculino (25,7%). A associação entre o sexo e a automedicação revelou-se estatisticamente significativa ($p < 0,05$).

Mais de metade (58,1%) dos estudantes que consumiram medicamentos no período em estudo consideraram-se bem informados quanto aos efeitos adversos e contra-indicações dos medicamentos usados, enquanto 5,9% assumiram ter um baixo conhecimento. O *Quadro VI* apresenta a distribuição desta auto-avaliação em função de diversos parâmetros.

Esta auto-avaliação revelou-se associada à idade e tipo de curso frequentado ($p < 0,01$), sendo os mais velhos e os dos cursos da área da saúde os que se consideravam melhor informados. A principal fonte da informação foi a leitura do folheto informativo, referida por 69% dos inquiridos, o médico (45,0%), o farmacêutico (14,4%) e amigos/familiares (12,5%).

Discussão

A prevalência de consumidores de medicamentos entre os estudantes da Universidade de Lisboa (56,6%) foi superior à esperada, tendo em consideração a média etária e o potencial de saúde daquela comunidade. No entanto, foi inferior à observada

Quadro VI

Resultados da auto-avaliação de conhecimentos sobre os efeitos adversos e contra-indicações dos medicamentos usados por características sócio-demográficas do consumidor

Variáveis sócio-demográficas	Grau de conhecimento sobre contra-indicações e efeitos adversos dos medicamentos usados (%)		
	Muito bons/Bons	Razoáveis	Fracos
Sexo			
Masculino	83 (56,4)	51 (34,7)	13 (8,9)
Feminino	289 (58,5)	180 (36,4)	25 (5,1)
$\chi^2 = 2,91; p > 0,05$			
Grupo etário			
17 a 20 anos	141 (52,2)	109 (40,4)	20 (7,4)
21 a 24 anos	186 (65,7)	84 (29,7)	13 (4,6)
≥ 25 anos	46 (51,7)	38 (42,7)	5 (5,6)
$\chi^2 = 12,61; p < 0,05$			
Etnia			
Branca	355 (58,1)	218 (35,7)	38 (6,2)
Outra	18 (58,1)	13 (41,9)	0 (0,0)
$\chi^2 = \text{não válido}$			
Estado civil			
Solteiro	348 (59,4)	202 (34,5)	36 (6,1)
Casado	20 (44,4)	24 (53,3)	1 (2,3)
Outro	4 (40,0)	4 (40,0)	2 (20,0)
$\chi^2 = \text{não válido}$			
Curso frequentado			
Saúde	75 (68,2)	33 (30,0)	2 (1,8)
Não saúde	298 (56,1)	197 (37,1)	36 (6,8)
$\chi^2 = 7,34; p < 0,05$			
Profissão dos pais			
Saúde	27 (52,9)	21 (41,2)	3 (5,9)
Não saúde	346 (58,5)	210 (35,5)	35 (6,0)
$\chi^2 = 0,67; p > 0,05$			

num estudo efectuado na Faculdade de Farmácia da Universidade de Granada (64,2%), onde, tal como em Lisboa, o consumo foi mais frequente entre as mulheres e o *Paracetamol* o fármaco mais usado (Lopez e Gonzalez, 1997). Não dispomos de elementos relativos a qualquer outro estudo sobre consumo de medicamentos em estudantes universitários, o que condiciona qualquer análise comparativa.

O uso de medicamentos revelou-se, obviamente, associado ao *status* de saúde (avaliado pelo número de consultas ao médico e pela auto-avaliação do estado de saúde, condição física e *stress* quotidiano), mas foi independente de qualquer das variáveis sócio-demográficas estudadas, exceptuando o sexo ($p < 0,001$). Nas mulheres o consumo foi não só mais frequente, mas também com um maior número de medicamentos e de forma continuada. Este facto, observado por outros autores (Simoni *et al.*, 2000), poderia ser explicado pelo uso de contraceptivos orais, mas o padrão de consumo manteve-se após exclusão dos contraceptivos orais nos medicamentos em análise.

Relativamente ao grupo terapêutico, salienta-se o elevado consumo de psicofármacos, de anti-inflamatórios não esteróides e de analgésicos e antipiréticos. O consumo destes últimos poderá estar sobrestimado devido a o inquérito ter sido efectuado sobretudo durante o Inverno. A prevalência de utilizadores de psicofármacos foi muito elevada, sobretudo nas mulheres, sendo, na globalidade, cerca de 3,5 superior à referida num estudo efectuado em estudantes de Medicina nos Estados Unidos (Baldwin *et al.*, 1991). Nos estudantes do sexo feminino o uso de anti-inflamatórios não esteróides foi também significativamente mais frequente, o que poderá ser explicado pela grande utilização destes fármacos na dismenorreia.

A maior frequência de consumo observada nos estudantes de Farmácia poderá resultar de uma maior informação sobre medicamentos, a qual estará associada a uma maior predisposição para a sua utilização. Uma elevada prevalência de consumo de medicamentos em estudantes de Farmácia (64,2%) foi igualmente observada no estudo efectuado na Universidade de Granada (Lopez e Gonzalez, 1997) acima referido e sugere-nos a realização de um estudo posterior para investigar os seus determinantes.

A prevalência de automedicação (19,1% entre os estudantes da Universidade de Lisboa) foi inferior à observada num estudo sobre a população em geral desta região (46,1%) (Barros, Cabrita, 1993) e no estudo de Granada, onde atingiu cerca de 67% (Lopez e Gonzalez, 1997).

Tendo em conta a proporção de medicação adequada à doença/sintoma, o cumprimento da terapêutica ins-

tituída, a origem do aconselhamento terapêutico e os resultados da auto-avaliação de conhecimentos sobre efeitos adversos e interacções medicamentosas, consideramos que, na globalidade, os estudantes da Universidade de Lisboa utilizaram os medicamentos de forma adequada.

Quanto à fiabilidade dos resultados, consideramos que a recolha de informação foi exaustiva, pois, relativamente às variáveis apresentadas neste estudo, a taxa de resposta foi superior a 96% e, embora a metodologia utilizada não permita quantificar a recusa de participação no estudo, assumimos que esta foi reduzida, tendo em conta a dimensão global da amostra inquirida. Além disso, consideramos que os resultados não foram afectados por viés de memória ou de indicação, pois a amostra é jovem e detentora de um elevado potencial intelectual, o período de tempo anterior ao inquérito a que este se reportava era reduzido e, na grande maioria dos casos (83%), foi indicado pelo inquirido o nome comercial do medicamento utilizado.

Em conclusão: o consumo de medicamentos pelos alunos da UL foi elevado. Na maioria dos casos processou-se de forma adequada, tendo em consideração a elevada proporção de medicamentos cuja indicação terapêutica era concordante com a finalidade para que eram usados, a baixa frequência de auto-medicação e o grau de conhecimento dos inquiridos sobre os efeitos adversos e contra-indicações. O sexo feminino, a auto-avaliação negativa do estado de saúde e o elevado grau de *stress* quotidiano foram identificados como os principais preditores de consumo de medicamentos. A dor, a infecção e os desequilíbrios psico-emocionais foram os problemas de saúde que mais justificaram a utilização de medicamentos.

O estudo do consumo de medicamentos através da administração de um questionário revelou-se um instrumento muito útil para a caracterização do padrão de utilização e do grau de informação dos consumidores sobre o produto e da adequação com que o utilizam.

□ Bibliografia

BALDWIN, D. C., *et al.* — Substance use among senior medical students : a survey of 23 medical schools. *JAMA*. 295 : 16 (1991) 2074-2078.

BARROS, C. T.; CABRITA, J. — Contributo para o estudo da automedicação na região de Lisboa. *Medicamento, História e Sociedade*. 3 (1993) 1-5.

DUKES, M. N. G., ed. lit. — Drug utilization studies. Copenhagen : WHO Regional Publications, 1993 (European Series, 45).

LOPEZ, J. A. G.; GONZALEZ, M. I. B. — Utilización de medicamentos por estuđiantes de farmacia de la Universidad de Granada. *Farmacia Clinica*. 14 : 2 (1997) 90-97.

ÍNDICE NACIONAL TERAPÊUTICO. Lisboa : Tupam Editores, 2000.

SIMONI, M., *et al.* — The Po delta river epidemiological study : use of medicines in a general population sample of North Italy. *Pharmacoepidemiology and Drug Safety*. 9 : 4 (2000) 319-326.

Summary

□ DRUG USE PATTERN AMONG UNIVERSITY STUDENTS

The characterisation of the drug use pattern in university students and their knowledge and attitudes about the drugs used is very important to obtain an indirect picture of morbidity in this community, to identify drug use predictors and also to develop strategies leading to a more rational use of medicines in the general community.

Thus, in order to reach those purposes, a cross-sectional survey was carried out in a probabilistic sample of students of Lisbon University (UL) including 1147 subjects (354 males and 791 females). Information about the use of medicines in the previous fortnight and co-variables was collected by questionnaire which was administered by trained interviewers.

About 57% of the students took medicines in the period studied. The number of drugs consumed ranged from 1 to 10 per student, although the majority consumed 1 or 2. Drug use was associated with health status, but it was independent from all the socio-demographic variables under study, except sex. Females consume significantly more drugs, even after the exclusion of oral contraceptives.

In the period under study, students consumed 1160 medicines, being 78% of them mandatory — prescription medicines. The therapeutic groups more used were the nervous system (34.4%) and the musculo-skeletal system (16.4%). About 6% of the consumers used antibiotics, 8% used psychodrugs, 15% used NSAIDS and 22% used analgesics and antipiretics. Paracetamol was the most used drug. The self medication prevalence was 19% and the majority of the consumers assumed to have a compliant attitude. About 58% of the consumers consider themselves well informed about the adverse effects and the contraindications of the medicines used.

Conclusions: the students of the UL consumed medicines frequently, but, in general, they used them properly. The most frequent health problems were: pain, infection and the psycho-emotional disorders. The administration of a questionnaire, to collect information about drug use, demonstrated to be an useful tool in order to characterise the drug use pattern and to find out the consumer's knowledge about the medicines used.